

brincar com a morte

simon scarrow e lee francis

Tradução de José Saraiva



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Para a mãe, o pai, o Karl e o Alex

NOTA DO TRADUTOR

Este livro, cuja ação decorre num futuro próximo, colocou problemas muito atuais na sua tradução. Vivemos num mundo em que impera a tecnologia, rodeados por engenhocas e dispositivos que espantariam os nossos pais e avós. Muitos, quase todos, desses aparelhos têm nomes e funções designadas por termos em inglês, a língua franca da tecnologia. Regra geral, esses termos são adotados e assimilados, sem qualquer esforço de tradução ou adaptação, para o português. Temos computadores, mas agora são *laptops*, *notebooks*, híbridos ou *tablets*. Em Portugal, ninguém chama ‘celular’ a um *cell phone*, preferimos telemóvel, mas essa designação está a ser substituída por *smartphone*, a que ninguém chama telemóvel inteligente (ou, eventualmente, intelmóvel...). Portanto, a grande questão foi: o que traduzir, o que deixar no original como perfeitamente entendível no português corrente? Quando nos confrontamos com os termos ligados à internet, a coisa ganha volume. *Hacker*, ou pirata informático? *Phishing*, ou... o quê? *Widget*? *Selfie*, um termo que já ganhou direito de cidadania no português... Escolhas foram feitas. Espero que de forma perceptível para o leitor, mais ou menos consciente desse mundo (com toda a certeza que existem erros, e muitos entendidos na área censurarão a escolha de alguns termos, ou mesmo a sua tentativa de tradução, mas paciência). Algumas precisões, ainda assim: SWAT (*Special Weapons And Tactics*) é um ramo militarizado da polícia americana, normalmente presente nas grandes cidades, cujo acrónimo se tornou conhecido de filmes e séries televisivas; *The Gab*, o vlogue fictício, podia ser traduzido por ‘Conversa’ ou mesmo ‘Tagarelice’, mas a designação tem também a ver com o nome da autora, por isso ficou no original. *Bullying* e outros termos que se tornaram comuns também foram mantidos na forma da língua inglesa.

Acima de tudo, o esforço do tradutor concentrou-se em garantir uma boa experiência de leitura. Só me resta esperar que os leitores apreciem o livro que têm em mãos.

Rose Blake segue a pick-up azul de Shane Koenig pela estrada de terra, e sobe uma rampa que leva a uma cabana de dois andares. As luzes de travagem do veículo de Koenig brilham vermelhas, rasgando as trevas noturnas. As janelas da cabana sobressaem na escuridão com um acolhedor fulgor alaranjado, mas depressa o ar frio é trespassado pelo brilho agressivo de um foco de segurança, enquanto eles param sobre a gravilha coberta por folhas caídas, à frente da casa. Está a começar a chover, pequenas gotas que batucam no solo depois de se esgueirarem por entre as ramagens nuas da floresta. Rose sai do veículo e sobe os degraus até ao alpendre, atrás de Koenig. Ao redor da cabana erguem-se grandes árvores negras. Uma placa mostra o nome dado à casa: ‘Conforto’. Koenig volta-se e olha para ela. Ele é bem-parecido, dentro de um estilo um tanto rude, de cabelo escuro, em calças de ganga, botas de couro castanhas e um casaco de lã da Tommy Hilfiger por cima de uma camisa aos quadrados vermelhos.

— O meu refúgio longe de casa. Nada mal, não achas?

Ele abre a porta da frente. O pulso de Rose acelera quando ele faz um gesto, convidando-a a entrar.

— Nada mal, de facto.

A cozinha modular tem painéis de madeira reluzente, prateleiras, panelas e frigideiras de cobre penduradas na parede, revelando uma clara ausência de preocupação com as despesas necessárias. A casa em si é uma mistura de paredes em pedra e madeira em tons alaranjados. A cozinha é aberta, e dá para uma sala com lareira, onde se veem papéis amachucados, acendalhas e lenha, pronta a acender. Koenig pega num isqueiro a gás e depressa se escutam os silvos e estalos da madeira a arder, enquanto as chamas alastram e começam a aquecer o compartimento. Rose coloca as mãos esticadas junto ao fogo, sentindo o calor a picar-lhe a pele. Koenig atravessa a sala até se acercar de um sistema de som da Bose, montado na parede, e carrega na tecla para ligar a música:

*'Somethin' about this night...
Somethin' is so right.
You and me, babe. We're connected...'*

Uma escolha perturbante, considera Rose.

Ele tira o casaco e lança-lhe um sorriso.

— Põe-te à vontade. Vais descobrir que este é um lugar muito acolhedor. Pelo menos é o que eu penso.

— Um tanto isolado, porém.

— Nem por isso, quando se tem a companhia adequada — responde ele, acariciando-lhe de leve a face. Os dedos do homem fazem um arrepio percorrer-lhe o corpo. Mas a tensão nada tem de antecipação sexual. O que Rose sente é medo.

— É agradável conhecer alguém que se parece mesmo com a fotografia que tem no perfil; uma mudança bem-vinda — continua ele, enquanto a contempla de alto a baixo.

— Calculo que isso seja de facto uma boa novidade. — Rose sente a pele arrepiada por baixo da camisola de caxemira rosada que usa acima da saia travada.

— Podes crer. Olha, dá-me o casaco — Koenig faz deslizar a longa veste castanha por cima dos ombros dela, libertando-lhe os braços.

Rose aproveita para se afastar ligeira e rapidamente dele, e senta-se no sofá bege, de textura suave. Deita uma olhadela às paredes da cabana, onde se veem fotografias emolduradas, mostrando cenas de expedições de caça. Shane Koenig está presente em todas elas, a posar ao lado de uma carcaça de veado ou de outra peça abatida. Na parede do fundo há outra porta, e ao lado desta está uma armação onde assentam várias espingardas de caça. Enquanto os seus olhos procuram outras pistas para entender a personalidade do homem, Rose deteta um ligeiro cheiro a lixívia no ar.

O significado deste odor não lhe escapa. É precisamente aquilo que esperaria que um homem como Koenig usasse para esconder os seus rastros. Ainda assim, tenta manter-se calma. Sabe que Owen e o resto da equipa estão à espera ali perto, numa carrinha de vigilância, negra como a noite. Com eles estão outros homens, armados e prontos a avançar assim que soar uma ordem. Rose sabe que não pode dar o alarme a não ser que esteja sob ameaça direta ou que Koenig se revele. Mas até ali ele portou-se como um tipo normal num encontro com uma desconhecida.

O comportamento dele tem sido deliberadamente cuidado, percebe ela.

Como se estivesse a observá-la, a avaliá-la friamente, antes de avançar. Sente outro arrepio gelado na base do pescoço. Talvez ele saiba que ela não é aquilo que parece. Ele vai até à cozinha, sem pressas, e tira do armário vários copos, que traz na mão. Dois copos de vinho e dois para shots. Olha-a por cima do ombro. Os lábios moldam-se num sorriso, mas os olhos parecem mortos.

— A noite está fria. Qualquer coisa para aquecer?

— Porque não? O que é que tens? — Rose deixa o cabelo fluir para a frente enquanto acena. Está a usar o cabelo solto, para esconder o emissor-recetor da cor da pele que usa na orelha direita.

Koenig vira-se e por momentos fixa nela o olhar.

— És mesmo muito bonita. Aposto que deve haver uma multidão de tipos no site a pedir para sair contigo. Porque é que fui eu o escolhido?

— O teu perfil era interessante. Não era aquela lengalenga do costume. E tens um bom emprego, acho eu.

— Achas tu...

Durante um segundo, a expressão dele torna-se tão mortíça como os olhos. Mas de imediato volta a sorrir.

— E que emprego será esse? Não me parece que tenha mencionado quaisquer detalhes sobre aquilo que faço na vida.

Rose sente o pulso a acelerar, alarmada, enquanto se obriga a responder em tom despreocupado.

— Seja qual for, deve ser suficientemente bom para pagar por tudo isto. O teu refúgio longe de casa, como lhe chamaste.

— É verdade — os olhos dele dardejaram de um lado para outro. — Este lugar, aliás, até me parece mais o lar do que o outro. Dá-me a sensação de que, durante a semana, enquanto trabalho, me limito a ocupar a casa na cidade. É aqui que me sinto mais confortável. Este lugar é mais... como eu. Percebes o que quero dizer?

Rose acena na direção das fotografias das caçadas.

— Perfeitamente.

Koenig solta uma gargalhada.

— Não. Não, de facto não me parece que possas compreender o que eu quero dizer. Acabámos de nos conhecer. Há três horas, no bar.

— Sim, mas há semanas que falamos online — lembra Rose. — Acho que já te conheço o suficiente para poder sugerir este encontro. Recuso essas propostas da maior parte dos homens. Há demasiados cretinos naquele site. Tu és diferente. Há qualquer coisa em ti que me interessou logo à primeira vista.

— Oh? E o que foi isso? O que é que me torna diferente?

Rose faz uma pausa, como se estivesse a ponderar o que dizer, embora tenha ensaiado aquilo inúmeras vezes com Owen e o resto da equipa. Encolhe os ombros.

— Ora, não havia aquela história de seres um tipo sincero que é a alma de qualquer festa, para lá de ao mesmo tempo seres sensível e carinhoso. Tu esqueceste isso tudo e foste claro. Acho que foi isso que me agradou.

— Ainda bem.

— Claro que ajudou o facto de pareceres muito interessante na fotografia do perfil.

— Não és a primeira a dizer isso.

— Não?

— Nem de perto. Achas que és a primeira pessoa que trago aqui?

Na voz dele há um ligeiríssimo tom ameaçador, e Rose remexe-se no sofá, desconfortável. Resolve tentar aligeirar a conversa.

— Talvez as outras não tivessem tanto a oferecer como eu.

— Achas que és especial?

— Isso é o que havemos de ver, não é? — Rose deixa a mão escorregar para a perna e levanta ligeiramente a bainha da saia.

Koenig contempla a curva escura do joelho dela, e uma ruga vincase-lhe no rosto. Aproxima-se de Rose. Adianta lentamente uma mão e passa-lhe os dedos pela risca no cabelo, na parte esquerda do crânio. Ela tem de recorrer a todo o seu sangue-frio para não se encolher perante aquele toque.

Ainda não, Rose.

Ela tem de seguir as regras. Não há indícios suficientes para conseguir um mandato de busca. Rose é a única hipótese de que dispõem para apanhar Koenig. Se ele se denunciar e ela chamar as tropas, terá de lhe recitar o Miranda, senão qualquer confissão será inválida, e atrás dela virão todos os 'frutos da árvore envenenada' — se essa evidência for inaceitável em tribunal, qualquer outra que possa ser conseguida na mesma sequência também o será. E Koenig terá todas as hipóteses de se safar. E de ficar em liberdade, para poder continuar a matar.

Rose olha para trás dele e avista câmaras e tripés arrumados ao pé de uma secretária, num corredor estreito que leva a outro quarto. Koenig debruça-se sobre ela, tentando um beijo. Desprende-se dele um aroma de *aftershave* caro. Ela ergue uma mão e detém-no.

— Uma bebida primeiro, não?

Ele hesita e acaba por sorrir.

— Uma mulher de classe. Tens toda a razão. — Endireita-se. — Tenho uma pequena adega lá fora, nas traseiras. Tinto?

— Perfeito — responde ela, enquanto cruza as pernas.

— Então vai-te aquecendo junto ao fogo. Não demoro. — Koenig esgueira-se para a parte de trás da cabana, sai por uma porta e desaparece de vista.

Rose sussurra.

— Owen? Estás a ouvir tudo?

— Claro. Está tudo bem. Tenho homens por entre as árvores à volta da casa. Estás bem protegida. Já viste alguma coisa? — A voz de Owen parece soar-lhe dentro da cabeça.

— Fotos de caçadas, pouco mais. Vou dar uma espreitadela.

— Tem cuidado. — A voz de Owen trai a sua preocupação. Ela sabe bem os riscos que corre, mas foi ela que se ofereceu como voluntária para aquela missão. É seu dever perseguir assassinos. É para isso que o Tio Sam lhe paga, e ela é muito competente naquela função.

Levanta-se e dirige-se à área da cozinha. Alguns dos armários têm luzes ocultas que iluminam a bancada de granito. Uma pequena porta abre para uma despensa. No fecho está pendurado um cadeado aberto... Para que seria uma despensa com cadeado? Ela empurra e abre a porta. O compartimento é longo e estreito, e nas paredes correm prateleiras. Ao fundo há uma arca frigorífica. As coisas nas prateleiras estão arranjadas com todo o cuidado. Exagerado, mesmo. Latas à direita, separadas em sopas, vegetais e frutas. À esquerda ficam frasquinhos com ervas aromáticas, jarros de conservas e outros recipientes com massa, arroz e farinha. Junto à arca há uma grande pia em cerâmica, e uma prateleira mais robusta, onde assenta um bloco de madeira muito marcado. Num gancho na parede brilha um cutelo. Ali, o cheiro a lixívia é ainda mais forte.

O fundo da despensa está envolto em sombras, mas no meio do teto do compartimento há uma lâmpada nua, de onde pende um fio. Rose sente-se tentada a acender a luz, mas isso é demasiado arriscado. Aproxima-se da arca e sente as mãos suadas quando agarra a pega da tampa e a tenta levantar. Sente alguma resistência, mas depois a tampa ergue-se sem problemas. Apesar da falta de luz naquela zona da despensa, Rose consegue identificar facilmente o conteúdo. Num dos cantos há grandes caixas de gelado. O resto do espaço é ocupado por sacos de plástico alimentar, selados. Pedacos de carne.

Mas a carne não é do género da que qualquer pessoa conserva numa arca, a não ser que seja um louco criminoso.

Há mãos, encarquilhadas como garras, visíveis através do plástico enregelado. Um pé, e depois metade de um tronco com um seio de aspeto ressequido. E ali, no canto, a cabeça de uma morena, os olhos abertos sem vida, a boca escancarada num grito silencioso, presa no plástico.

— Owen... — Rose tenta falar, mas sente o peito apertado. As pernas tremem-lhe e mal consegue respirar; a náusea sobe, apesar de aqueles não serem os primeiros despojos humanos que contempla, nem sequer de perto. *Mas não assim.* Tenta falar em tom calmo. — Há aqui bocados de corpos... a arca frigorífica está cheia deles.

— Rose! — A voz de Owen enche-lhe os ouvidos. — Sai daí! Imediatamente!

O tempo parece passar mais lentamente e envolvê-la como se fosse uma película de petróleo viscoso. Torna-se sensível ao mais pequeno som, a tudo o que lhe cabe no campo de visão, ao mais leve aroma que paira no ar, enquanto regressa à sala. É ele. O monstro que os meios de comunicação batizaram como ‘Carniceiro dos Bosques’.

Rose sente a sua presença em todo o lado, a extrair-lhe o ar dos pulmões. Leva a mão às costas, por baixo da camisola, ao ponto onde se esconde a automática, na cintura.

— Sai daí! — A voz de Owen continua a berrar-lhe aos ouvidos. — Vamos entrar!

A música continua a soar em fundo.

*‘I’m with you. In your heart
In your body, like fire...’*

— Ora cá estamos, querida... — solta Koenig, enquanto regressa. — Encontrei um belo Rioja... Onde é que te meteste?

Rose arranca a arma do suporte de velcro e trá-la para a frente, enquanto aponta e se agacha ligeiramente, a Glock bem firme na sua mão.

Koenig está ao pé da porta do fundo, com uma garrafa de vinho na mão. O sorriso que exhibe desvanece-se quando nota a arma apontada ao seu peito. Nas suas feições não há qualquer sinal de surpresa. Nenhum sinal de qualquer emoção, aliás, apenas os olhos mortiços e a fina linha dos lábios enquanto ele a contempla. O tempo volta a afrouxar a sua passagem.

Rose olha-o sobre a firme linha metálica do cano da automática, e começa a recitar.

— Tem o direito de permanecer em silêncio, e de se recusar a responder a perguntas...

— Foda-se, que raio?

— Tudo o que disser pode ser usado contra si em tribunal...

— Cabra aldrabona... Igual às outras.

— Tem o direito de consultar um advogado antes de falar com a polícia, e...

— Puta! — grita ele, e atira a garrafa na direção de Rose.

Ela levanta as mãos por instinto, no preciso instante em que a garrafa estoura contra a parede da cozinha, junto à sua cabeça. Vidro e vinho precipitam-se sobre ela, e sente uma dor repentina quando o pulso é atingido por um estilhaço. Uma porta abre-se num repente e ouvem-se passos pesados nos degraus lá fora.

*'Gonna make you mine, baby
Gonna eat you up...'*

Há gritos no exterior, e o som de veículos a aproximarem-se a toda a velocidade sobrepõe-se à música. Rose já corre na direção da porta das traseiras, a arma apontada, firmando a mão direita com a ajuda da outra, no instante em que Owen entra pela casa dentro. Usa um blusão negro, com FBI escrito em grandes letras brancas na frente e nas costas. Alto e magro, a meio dos trinta, com cabelo escuro bem arranjado e uma barbicha, o rosto preso numa máscara de tensão. Outros dois homens irrompem pela porta e assumem posições, um de cada lado, as cabeças apoiadas nas coronhas das suas espingardas de assalto, enquanto cobrem todo o interior da casa. Owen nota o sangue que pinga da mão dela.

— Merda... Rose, estás bem?

Rose corre e aponta para a porta das traseiras.

— O Koenig fugiu por ali!

O coração salta-lhe no peito, e sente uma espécie de eletricidade a correr-lhe pelo corpo ao pensar em capturar a sua presa. A cabana está cercada por agentes do FBI e da polícia. Koenig é como um animal acossado. O que o torna desesperado e perigoso.

— Rose, calma... Temos o perímetro bem coberto. Ele não vai a lado nenhum.

Ela abana a cabeça.

— Vamos.

Rose toma a dianteira. Junto à porta está a tal armação com espingardas, e falta lá uma. Owen fala para o microfone do rádio.

— Atenção a todos, o Koenig está armado e em fuga, algures na parte de trás da cabana.

Rose, Owen e os dois agentes passam pela porta e deparam-se com uma plataforma de madeira. O piso é frio e húmido por baixo das solas dos seus pés. Há uns poucos degraus que conduzem à escuridão do bosque. Os pelos na parte de trás do seu pescoço eriçam-se. Rose apercebe-se de que Koenig conhece perfeitamente aquela floresta.

Um pensamento percorre-lhe a mente. Talvez sejam eles as presas, agora. Há lanternas a piscar por entre as árvores, ordens são gritadas e passam pela linha de agentes e da equipa tática da polícia que rodeiam a cabana do suspeito.

O estrondo de uma arma de mão faz-se ouvir do meio das árvores próximas. Rose e os outros agacham-se imediatamente, as armas dirigidas para a fonte do estouro.

— O que se passa? — grita Owen ao microfone.

Os raios de luz dos faróis dos carros da polícia local atravessam a escuridão enquanto os veículos sobem a rampa e a luz se espalha por entre os troncos da floresta. Rose nota um movimento à direita, quando um dos focos ilumina a camisa aos quadrados vermelhos que Koenig estava a usar.

— Ali! — grita.

Rose e Owen correm pela encosta e entram na floresta na direção do poente. O solo por baixo dos seus pés nus é frio e húmido, coberto de folhas mortas, mas ela nada sente, inundada de adrenalina. Avistam agentes da polícia e homens com os escuros blusões e bonés do FBI que convergem, correndo pelo meio das árvores e aproximando-se de Koenig. Rose calcula que o fugitivo se dirige ao riacho que não fica longe da estrada interestadual. Se ele lá conseguir chegar e apossar-se de um carro, todo aquele esforço terá sido em vão.

Crunch.

— Toda a gente quieta! — grita. Owen e os seus dois companheiros detêm-se. Mais longe, os outros agentes continuam a vasculhar por entre as árvores.

Rose adianta-se e segue pela estreita vereda. Todos os seus sentidos

estão alerta. Tudo o que vê, ouve, cheira, e toca tem uma intensidade quase insuportável. Gotas de chuva caem dos ramos acima e ensopam-lhe o cabelo e os ombros, e ela abana a cabeça para manter a água e o cabelo longe dos olhos. De repente volta a avistar o rosto de Koenig a espreitar por trás de um tronco, com um sorriso trocista. Rose firma a arma nas duas mãos e levanta-a à altura do rosto.

Aponta e pressiona o gatilho.

O bosque em redor é iluminado pelo clarão amarelo que sai do cano, e a bala atinge o tronco. Koenig esconde o rosto para se proteger dos estilhaços e perde o equilíbrio enquanto o cano da sua espingarda se eleva no ar. Owen adianta-se a Rose no momento em que o estrondo do disparo da espingarda enche o ar. Koenig dispara para baixo e acerta num ramo caído, que se desfaz numa nuvem de estilhaços. A bala, dirigida a Rose, atinge o joelho direito de Owen, esmagando-lhe a rótula e fazendo-o tombar para o lado com um grito.

Rose ouve os guinchos assustados dos pássaros do bosque, enquanto Owen se contorce no solo húmido, os dentes cerrados, em agonia, e a soltar um gemido agudo. Os dois agentes estão agachados, as espingardas assustadas, prontos a disparar, enquanto vasculham com o olhar as árvores em redor. Rose fixa a atenção na árvore atrás da qual Koenig se escondeu. Sente os ramos e as folhas escorregadias por baixo dos pés, e o ar frio contra a pele exposta, enquanto avança com toda a cautela, mas não há ninguém por trás da árvore. Apenas o brilho fosco de um cartucho gasto, entre o entulho que cobre o solo. Koenig desapareceu. Ela procura por entre as árvores, mas não há qualquer sinal de movimento. Nas suas costas, a cabeça de Owen lança-se para trás e a boca abre-se para deixar escapar um grito de agonia animal.

Enquanto os primeiros agentes e os homens do SWAT passam por ela, seguindo na direção que ela indica, Rose toma consciência de que já é tarde demais. Aquela é a floresta de Koenig. Ele vai escapar. Fugir, desaparecer como um fantasma. Deixar passar o tempo antes de emergir do seu novo covil para matar mais uma vez. E outra...

1
SETE MESES DEPOIS
SETEMBRO

Rose está na cozinha, a tirar a película de celofane que cobre o tabuleiro de petiscos. As cicatrizes da mão já desapareceram praticamente por completo. O dia tem estado frio, e ela enverga uma camisola de lã fina e calças pretas. Bebe um gole do copo de vinho enquanto avalia a disposição das vitualhas no tabuleiro e depois altera a posição de alguns pedaços de sushi, de forma a que tudo fique perfeitamente simétrico. Lá fora, na sala de jantar, escuta as vozes do marido, da irmã e do pai. A voz de Jeff é profunda mas clara, enquanto ele domina a conversa com uma história divertida sobre o último escândalo que rebentou no Congresso. Os outros escutam-no em silêncio, antes de as gargalhadas se soltarem.

Rose sorri. Ama-o, e gosta do facto de Jeff ser um tipo popular. Permite-lhe apreciar a satisfação de ele a ter escolhido para sua esposa, quando lhe parecia que ele podia ter conseguido algo de melhor. Ainda o pensa, e é por isso que está determinada a nunca lhe dar razão para lamentar aquilo que ela continua a ver como o erro dele. E porque não haveriam outras mulheres de o querer para si? Ele é alto e atlético, cabelo abundante castanho claro, quase louro, com um sorriso fácil e um charme irresistível. É inteligente e tem um emprego prestigiante, mesmo que o salário não seja nada de especial. Jeff está em licença sabática da Universidade Estadual de San Francisco para assumir a posição de conselheiro para as redes sociais do senador democrata Chris Keller, que está envolvido em pleno combate eleitoral, na tentativa de manter o seu lugar no Senado, em Washington. Se Jeff estiver do lado vencedor, pode ser que prossiga a caminhada ao lado de Keller. Agrada-lhe a ideia de as perspectivas de futuro para o seu marido serem luminosas. Se tudo correr bem, um dia ele poderá estar a trabalhar na Casa Branca.

Já o futuro da sua própria carreira lhe dá menos razões para otimismo. Está com trinta e nove anos — menos três do que Jeff — e sabe

perfeitamente que o tempo em que deixou o trabalho para ter o filho, Robbie, e cuidar dele durante a infância até ele ter idade para ir para a escola, significou a perda de anos vitais de experiência e de antiguidade, o que lhe prejudicou as perspectivas de promoção. E depois houve o caso Koenig... Mas de facto não há comparação, quando põe lado a lado o amor ao trabalho e o amor ao filho. A família vem em primeiro lugar, destacada.

— Rose, estás despachada? — chama Jeff. — Tens aqui três pessoas prontas a entrar para os Anoréxicos Anónimos.

Soam mais gargalhadas e Rose junta-se a elas, enquanto pega no tabuleiro e atravessa a cozinha, antes de empurrar a porta com o ombro. A sala do outro lado é ampla, e as paredes têm painéis, como muitas das casas da vizinhança, construídas no início do século xx. A propriedade, na Oak Avenue, fica num subúrbio agradável e luxuriante, com vista para San Francisco e a ponte Golden Gate no horizonte.

Foram postos lugares nos dois lados da mesa. À frente do lugar de Rose fica Jeff, que lhe sorri e pisca o olho através dos óculos sem armações. Ao lado dele está a irmã de Rose, Scarlet, e ao seu lado fica o pai de ambas, Harry Carson.

Scarlet, de trinta e três anos, é baixa, tem o cabelo pintado num tom avermelhado escuro, e uma figura voluptuosa. A mais nova das irmãs é mais aventureira e divorciou-se recentemente, pelo que está a aproveitar o seu recém-recuperado estatuto de solteira, sobretudo graças ao facto de o seu oleoso advogado, uma verdadeira fuinha, ter esfolado o anterior esposo até ao último cêntimo. Ela continua a trabalhar como agente imobiliária, ainda assim. É boa com pessoas e tem jeito para fechar negócios. Enche o copo de vinho pela terceira vez naquela noite, pega no smartphone e tira uma foto de si mesma com o copo cheio na mão.

— Tenho de pôr esta no 'gram' — diz, antes de compor a imagem com uns cortes e um filtro, para dar à pele um ar mais suave. Deixa o telemóvel escorregar para cima da mesa. Rose está preocupada com a obsessão da irmã pelas redes sociais e já lhe pediu, mais do que uma vez, para limitar a sua presença na rede nas ocasiões em que está com a família.

O pai, de setenta e dois anos, é um sargento-mor reformado dos Marines, e tem cabelo grisalho. Está sentado em silêncio, e Rose interroga-se se ele estará a pensar na mãe, que desapareceu sem deixar rasto há muitos anos. É uma ferida em aberto no seio da família, mas que é demasiado dolorosa para ser motivo de discussão. Harry ouviu Jeff com atenção polida; não partilha as ideias políticas do genro, mas aprendeu a tolerá-las,

para bem da filha. Mas há na sua expressão qualquer coisa que deixa Rose preocupada. Um cansaço. Ele está a começar a esquecer-se de coisas e de tempos a tempos fica confuso, e ela espera que não sejam sinais de que o pai esteja a escorregar para a senilidade.

— Até que enfim! — Jeff finge estar ofegante. — Miúda, deixaste-me preocupado por momentos. Cheguei a pensar que te estavas a atafulhar destas delícias e que planeavas deixar-nos à fome.

Scarlet abana a cabeça.

— Só espero que o prato principal não se atrase também. Puxa, que estou com fome.

— Estás sempre — diz-lhe Harry, enquanto lhe pisca o olho num gesto paternal.

Rose pousa o tabuleiro no centro da mesa e toma o seu lugar. Os convivas não esperam por convite e lançam-se à comida. Scarlet tira uma segunda dose e olha para a irmã.

— Então, Ro, como vão as coisas? Tens apanhado alguns bandidos nos últimos tempos?

Rose encolhe os ombros.

— Sabes como é. Noventa por cento é papelada, dez por cento programas televisivos onde somos vistos a perseguir os maus por becos escuros, de lanternas e armas apontadas.

— A sério? — Scarlet arqueia uma cuidada sobrancelha. — Então e o Mulder e a Scully? Já resolveram o caso dos *Ficheiros Secretos*?

— Essa já é velha, Scar. Não metas por aí.

— Então diz-me, a sério. Como vão as coisas no Bureau?

Ela está a falar do frustrante caso que quase custou a vida a Rose, que a deixou exausta, que até fez com que alguns dos seus colegas deixassem o Bureau. Shane Koenig. O assassino em série que tinha andado a abater mulheres e alguns homens pela costa ocidental, e a filmar as suas mortes. Um dos novos sites de vídeos noticiosos, *The Gab*, tinha-lhe chamado o Carniceiro dos Bosques, e o nome tinha sido adotado pelas cadeias televisivas, o que tinha levado a um pico de audiências.

Rose sente-se relutante em abordar o tema. Koenig tinha-lhes escapado por entre os dedos, e não tinha havido mais sinal dele desde esse momento. Os macabros restos humanos encontrados na cabana e os ficheiros de vídeo no laptop dele tinham provado sem margem de dúvida que Koenig era o Carniceiro dos Bosques. E agora ele anda por aí, reflete Rose com azedume, à espera do momento certo para retomar a sua carreira assassina.

A resposta na imprensa e nas redes sociais fora inflamada — o Twitter do FBI continua a ser alvo de inúmeros trolls que criticam o falhanço do Bureau, e o dela em particular. Felizmente, a sua chefe, a Agente Especial Flora Baptiste, tinha intervindo. Ao fim de algumas sessões de aconselhamento psicológico, que não tinham produzido grandes resultados, nos últimos meses Baptiste tinha reduzido a carga de trabalho de Rose. De tempos a tempos, Rose ainda dá aulas e aconselhamento a agentes infiltrados ainda em treino, e graças a alguma terapia adicional que frequentou por si, conseguiu recompor-se, minimamente. Deita uma olhadela a Jeff, quase implorando que ele não diga uma palavra sobre o assunto. Ele sorri antes de pegar na garrafa de vinho e voltar a encher os copos. Scarlet debruça-se sobre a mesa.

— Ora, vá lá, Rose. Quais são as *novidades*?

Nos últimos seis meses, Koenig parece ter desaparecido da face da Terra. Todas as técnicas de vigilância tinham sido aplicadas, incluindo reconhecimento facial, de matrículas, GPS, buscas de IP, mas o grupo de investigação não tinha encontrado nada, apesar da intensa pressão da imprensa e dos familiares das vítimas. Tinham chegado a pedir a um dos gigantes tecnológicos do setor para investigar um telemóvel encontrado na cabana, mas a empresa não apenas se tinha negado ao pedido como tinha aumentado o nível de encriptação. A equipa de Cibercrime do FBI tinha tentado entrar no telemóvel, mas sem sucesso.

Tinha havido uma oportunidade de o apanhar. Mas Rose tinha-a desperdiçado. Disparara contra Koenig, e falhara. Fecha os olhos por momentos, tentando afastar o resto da memória dolorosa.

Às vezes, é o monstro que ganha.

Harry remexe-se na cadeira.

— Scarlet, vá lá, se calhar a tua irmã não quer falar disso.

— Ora, pai, vá lá digo eu. A Rose é uma profissional. Ela aguenta.

Rose revira os olhos na direção da irmã.

— Se queres mesmo saber, descobrimos o que ele fazia com os bocados dos corpos. Eram troféus. Guardava-os em locais secretos, enterrados, e depois vendia-os online a quem licitasse mais alto. Quando lhe chegava o dinheiro, ele passava as coordenadas do lugar ao vencedor do leilão.

Os olhos de Scarlet abrem-se muito.

— Isso é revoltante...

— Não divulgámos estes factos, mas de alguma maneira a imprensa soube de alguma coisa, e... bem, com certeza que todos viram as histórias.

Como o Koenig guardava as partes genitais mutiladas e outros pedaços. Em frascos, com as imagens dos perfis impressas e coladas na parte de fora. Encontrámos e confiscámos o que havia, mas a maior parte dos compradores eram espertos e conseguiram ocultar os seus IP. Quanto ao resto dos corpos das suas vítimas, ele comeu-os. São detalhes suficientes para ti?

Scarlet pousa o rolo de alga e arroz que tinha estado a comer.

— Meu Deus...

— Bem jogado, Rose. Obrigado por teres partilhado essas imagens — critica Jeff.

— Foi ela que pediu.

Rose sente uma vaga de ansiedade a correr-lhe pelo corpo, que estanca com o gesto de pegar na garrafa. Um vulto emerge do canto na outra ponta da sala. Um sensor deteta a sua presença e uma lâmpada alumia-se, banhando o rapaz num brilho morno.

Harry levanta o copo.

— Robbie! Como está o meu rapaz?

O jovem atravessa a sala e para ao fundo da mesa. Tem catorze anos, e é alto para a idade. Tem o aspeto agradável do pai, tirando o acne e os óculos. Mas falta-lhe qualquer coisa na expressão. Devolve os sorrisos dos adultos que rodeiam a mesa e acena ao avô.

— Tudo bem, avô... Como estás tu?

— Fino. E a escola?

Robbie olha para a mãe. Rose sente uma súbita onda de preocupação pelo filho, e intervém rapidamente.

— Vai bem. É um dos melhores da turma em ciências e matemática. Estamos muito orgulhosos dele.

Rose vira-se para o marido. Ele está a enviar uma mensagem dissimuladamente, antes de afastar o smartphone; uma coisa que ultimamente tem feito com cada vez maior frequência.

— Isso pode esperar, não? — pergunta, com um sorriso tenso. — Estás em casa. O teu tempo pertence à tua família.

— Quem me dera que fosse assim tão simples. Mas sabes como são estas coisas. Não trabalhamos das nove às cinco. A campanha prossegue vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, e nós temos de seguir com ela.

— Hum... — Rose deita uma olhadela ao relógio —, seja como for, a quem é que estás a mandar mensagens a esta hora?

— Oh... à minha assistente. A Pandora está a imprimir umas notas para amanhã.

— É aquela que conheci na última festa de angariação de fundos?
Cabelo escuro. Jovem.

Jeff assenta.

— Essa mesma.

Os olhos dele cruzam-se com os dela com um lampejo de desafio, e ela decide não discutir o assunto naquele momento.

Harry lança uma risada.

— Caramba, como as coisas mudam. Houve um tempo em que a tua casa era o teu castelo, e ninguém te podia importunar a partir do momento em que fechavas a porta da frente. Hoje em dia podem chatear-te em qualquer lugar, a qualquer hora. Se o mundo continua por este caminho, digo-vos eu, vocês vão todos dar em doidos.

— Apoiado, apoiado — afirma Rose, sorrindo.

Scarlet verifica o smartphone.

— Oooh, a minha foto já tem dezasseis gostos — faz deslizar a imagem no ecrã. — Este é giro. Estás a ver? — Mostra o telefone para revelar uma foto de mau gosto de um homem de cabelo todo penteado, em fato de negócios, bronzeado e com os dentes clara e dispendiosamente tratados. Lê o perfil. — Oh não, gosta de jazz. Desculpa lá, querido. — Afasta o perfil com um rápido gesto do dedo.

— Isso é bera — comenta Jeff. — Quer dizer, a Rose gosta de country, mas isso não me impediu de casar com ela. Ninguém é perfeito.

— Bom, mas com isto posso encontrar o Sr. Perfeito.

Ouve-se um som eletrónico vindo do smartphone de Rose, e ela pega nele no bolso do casaco. Lê a mensagem no ecrã e levanta-se.

— Desculpem-me por um instante.

— Problemas? — Jeff franze o rosto. — A esta hora da noite?

— Os criminosos não trabalham das nove às cinco — replica Rose. — Ou não sabias dessa?

As gargalhadas soam na sala, enquanto Rose recolhe à cozinha e prime a tecla de chamada rápida. Uma voz grave mas feminina tossica antes de falar.

— Baptiste.

— Recebi a mensagem — confirma Rose. — O que há?

— Olha, miúda, há uma coisa que gostava que fosses ver. Um incêndio em Palo Alto. Provavelmente de origem criminoso. Um morto. Foi há umas horas. A polícia local está a tratar do caso. Ou estava, até recebermos a chamada.

— De quem? Quer dizer, desde quando é que o FBI lida com este género de coisas? Incêndio? Um possível incendiário? O que é que isso tem a ver connosco?

— Normalmente? Nada. Mas este caso não é propriamente normal.

— O que é que queres dizer?

— Verás por ti mesma quando cá chegares. Estou aqui na cena e mando-te a morada assim que desligar. Vem cá ter o mais depressa possível.

— Agora? Esta noite?

— Sim, esta noite mesmo — responde Baptiste, sem dar margem a desculpas.

— Mas tenho a família toda aqui em casa. A jantar. Não pode esperar pela manhã?

— Nem pensar nisso. Esta veio de lá de cima, diretamente. — Baptiste baixa ligeiramente a voz. — Ao que parece, alguém do Departamento de Defesa solicitou a nossa assistência.

— Defesa? — Rose sente um pico de ansiedade. — Mas isso está fora da jurisdição deles, tanto como da nossa.

— Tecnicamente, sim — admite Baptiste. — Mas alguém do Pentágono pediu a nossa ajuda, portanto seremos nós a conduzir a investigação, com a nossa experiência e os nossos laboratórios. Ao que parece tem qualquer coisa a ver com computadores — é por aí que entra a Defesa. Seja como for, a polícia de Palo Alto não tem orçamento para uma investigação deste género.

Rose suspira. É certo que as polícias locais têm falta de pessoal e se debatem para enfrentar uma crescente onda de crimes. Ofensas civis e crimes menores são praticamente ignorados, e muitas forças deixaram mesmo de os investigar. A quantidade de crimes relacionados com tecnologia aumentou grandemente nos últimos anos, desde ex-companheiros ressabiados que colocam na rede imagens íntimas da antiga namorada, a fraudes em larga escala, mas os orçamentos dos diversos departamentos, incluindo o do FBI, não foram aumentados de forma a poder responder adequadamente.

Baptiste prossegue.

— O que me foi dito é que a vítima foi recentemente acusada de roubar segredos de uma empresa da área da Defesa, e isso é da nossa jurisdição. A Defesa não quer muito alarde à volta da história. Não sei mais nada. Foi-nos apenas dito para tratar do caso, e já. E agora estou a passar-te a informação. Portanto, vê se passas da sopa à sobremesa em cinco minutos e te metes no carro. Eles querem os nossos melhores agentes no caso, e tu ainda és a minha melhor agente.

Rose suspira. Tem uma dívida para com Baptiste.

— Muito bem.

— Ora aí está a minha miúda. Consegues chegar cá em quarenta e cinco minutos. Quarenta será melhor. — O tom ligeiramente sedutor da voz de fumador suaviza-se. — Desculpa tirar-te de casa... mas preciso mesmo que dês uma olhadela a isto enquanto está quente, para usar um termo verdadeiramente adequado. Isto não é o habitual cenário de um assassinio.

— Assassinio? Pensei que tinhas falado em incêndio.

— Dá-me ideia de assassinio. *Podia* ser apenas um incêndio, mas o DdD quer ter a certeza. Seja como for, é um bocado esquisito, e põe esquisito nisso. Cristo... é uma confusão do caraças. Nunca vi nada parecido com isto. Os nossos peritos forenses já estão a caminho. — Uma breve pausa. — Espero que não tenhas comido nada esta noite.

A linha cala-se. Rose reprime a frustração e a fúria antes de premir o botão de desligar e voltar a colocar o telemóvel no bolso. Respira fundo e sai da cozinha.

Talvez um novo caso seja aquilo de que precisa, para se esquecer de Koenig.

— Pessoal, tenho de sair.

— Agora? — indaga Jeff, a sua voz suave a ganhar contornos duros.

— Desculpa, querido. Acontece. Tens de tomar conta das coisas. O salmão está no forno. O molho no micro-ondas. Trata de meter o Robbie na cama antes das dez e meia, e nada de jogos depois das dez.

Ele anui.

Rose beija apressadamente o filho, a irmã e o pai. Jeff estica o pescoço para lhe beijar os lábios, mas ela desvia o rosto e recebe-o na face esquerda. As mensagens para a Pandora têm sido muito comuns nos últimos tempos. É difícil evitar a suspeita.

— Até mais tarde.

— Tem cuidado — diz-lhe Jeff, enquanto ela se afasta.

Na entrada da casa há uma mesa com gavetas fechadas à chave. Rose mete a chave, abre uma gaveta e recolhe o distintivo e a Glock 22 de calibre .40, enfiada no coldre. Mete o distintivo no bolso e prende o gancho do coldre no cinto. A palma da mão assenta no frio metal do punho da arma, assegurando que ela fica em posição sobre a perna direita.

Assim que sai de casa deixa de ser a mãe e esposa. Assume a personalidade de uma agente do FBI, de uma ponta a outra. É um truque que se obrigou a aprender. Não é possível misturar dois mundos num, a não ser que se

queira dar cabo de tudo. E isso é uma coisa a que Rose se agarra. Quando recua o Changan azul para o meio da rua, o jantar de família já é apenas uma memória distante. Sente um familiar acelerar da pulsação enquanto se dirige para a cena do crime, e a voz profunda de Baptiste lhe ecoa na mente.

O que preocupa Rose é o tom perturbado da chefe. Baptiste tinha já quinze anos de serviço quando Rose se juntara à sua equipa. Durante esse tempo, não havia nada que não tivesse visto, e já nada a conseguia perturbar.

Bom, *quase* nada.

Rose recorda a cena na cabana, depois de Koenig ter escapado. Tinha reparado em Baptiste, sentada num tronco derrubado sobre o solo, sozinha, de olhar distante, num momento de reflexão privada. Dava a ideia de estar a chorar. Rose não a interrompeu, consciente de que estava a testemunhar um momento raro da intimidade da sua chefe, mas Baptiste tinha levantado o olhar e reparado nela. Enquanto se levantava, tinha limpado o rosto e colocado a habitual máscara franzida. Não tinham falado daquilo, nem nessa altura nem nunca.

Enquanto conduz na direção de Palo Alto, não pode deixar de se interrogar: o que é que poderá ter perturbado Baptiste daquela maneira esta noite?

A chuva cai numa cortina ininterrupta quando o Changan de Rose se imobiliza na rua, num bairro de aspeto abastado de Palo Alto. Pouco sabe sobre aquela zona, exceto o facto de ser o género de lugar em que nunca terá dinheiro para viver. Há vários carros-patrolha da polícia por ali parados, as luzes azuis e vermelhas a faiscarem na Sand Creek Road.

— Chegou ao seu destino — anuncia a voz do GPS, vinda do painel à sua frente. — Boa noite, Rose.

Há mais uns tantos carros estacionados junto ao passeio, bem como um carro de bombeiros e uma carrinha da unidade forense. Dois bombeiros enrolam as mangueiras para voltarem a arrumá-las no carro. Agentes da polícia com impermeáveis descartáveis brilhantes e bonés protegidos por plástico dispõem-se num arco mais ou menos organizado para protegerem a cena do crime e manterem os civis afastados. Na maior parte das casas ao longo da rua as luzes estão acesas, bem como em todas as janelas do edifício de apartamentos que é o centro da cena do crime, e a chuva contínua é iluminada pela claridade. Já andam por ali diversos bloggers a transmitir imagens ao vivo, mantendo os telemóveis bem levantados nos braços esticados enquanto fazem os seus comentários para os sites noticiosos, tentando recolher as recompensas monetárias dadas às novidades de última hora. Rose sente-se grata por ainda não estarem na cena equipas das diversas cadeias televisivas. Mas depressa lá chegarão. E serão difíceis de evitar.

A água corre em torrente pelo asfalto, até aos bueiros, quando Rose sai do carro. Abre o guarda-chuva e dirige-se rapidamente à mala da viatura. Lá dentro tem uma variedade de peças de equipamento, bem protegidas em sacos de plástico com fecho. Pega na lanterna, a que tem um feixe bem definido, e em alguns sacos de plástico transparente. São coisas que geralmente estão presentes em qualquer cena de crime, mas ao longo dos anos Rose aprendeu a levar o seu próprio material, para não correr riscos.

Passa pela área comum, onde ficam a piscina e o grelhador, iluminada docemente por lâmpadas ocultas, saltando para evitar as maiores poças de água. Por trás da fita de plástico que impede a passagem e debaixo dos seus guarda-chuvas, os vizinhos olham com interesse à medida que Rose se aproxima do portão da propriedade. Olha para cima e repara na enegrecida janela do primeiro andar, no que deve ser o apartamento da vítima. Agacha-se para passar por baixo da fita que delimita o perímetro da cena do crime.

Observa os sistemas de segurança do edifício; as portas são abertas por interruptores no interior, e também há um circuito fechado de televisão. Se se trata realmente de um assassinio, o autor conhecia a vítima, ou então tinha arranjado maneira de contornar a segurança.

Ao avistá-la, um jovem agente uniformizado da polícia de Palo Alto dirige-se a Rose.

— Senhora, tem identificação?

Rose pega no distintivo e prende-o no bolso do peito. O polícia lê o holograma de verificação do FBI na parte de baixo do símbolo: Agente Especial Rose Blake, Crimes Violentos, Divisão de San Francisco. Anui e afasta-se para o lado, enquanto introduz no tablet o nome dela, bem como a hora de chegada.

— Quem é que está à frente das operações, pela polícia? — indaga Rose.

— O detetive Fontaine, está lá dentro — o polícia faz um gesto com o polegar, indicando as suas costas.

Rose sobe as escadas reluzentes até à entrada, sacode o guarda-chuva e fecha-o rapidamente, enquanto entra. A entrada do apartamento da vítima é de um branco ofuscante, embora os bombeiros tenham sujado a carpete creme e as próprias paredes. Há uma mesa de ar moderno encostada à parede, onde estão penduradas várias pinturas abstratas sem nada de realce, do tipo que revela mais sobre o tamanho da carteira de alguém do que sobre o seu conhecimento ou gosto artístico. Na base das escadas estão agrupados vários agentes uniformizados e bombeiros. Rose dá atenção ao homem alto de cabelo desalinhado e casaco escuro, que parece estar no comando da situação.

— Detetive Fontaine?

— Sim. Quem quer saber?

— Agente Especial Blake, FBI, Crimes Violentos — replica Rose, com a sensação de que o seu interlocutor não é o tipo de homem que se preocupe em saber o primeiro nome das pessoas com quem trabalha.

Fontaine olha-a de alto.

— Crimes Violentos? — Solta uma risada. — Oiça, minha senhora, isto é um assunto arrumado. Aposto dez para um que não se trata de mais do que de um incêndio doméstico. Uma vítima. Caso resolvido. Foi o que já disse à sua chefe. Vocês escusavam de se vir meter nisto. — Ele volta a olhar para o distintivo. Rose reprime um suspiro de frustração.

— Nome da vítima?

— Gary Coulter. Quando os bombeiros chegaram, já estava morto. Levaram uns dez minutos a apagar o fogo. Destruí o escritório. Uma pena. Um apartamento destes nesta zona deve valer uma boa maquia.

Rose anui, mas não faz qualquer menção de se dirigir às escadas. As relações entre agentes federais e as instituições locais de manutenção da lei são cruciais, mas por vezes são dificultadas por ressentimentos. O FBI só costuma envolver-se em casos importantes, e quando se depara com agentes locais pouco cooperantes pode ser difícil não parecer arrogante, sobretudo com o tipo de polícias que considera que o Bureau não ‘fez o suficiente’ para merecer o caso. Fontaine é claramente um deles. Mas Rose precisa de obter dele o máximo de informações que puder.

— Então, o que é que descobriu?

— Não há muita coisa. O Coulter vivia sozinho. A vizinha, a Sra. Tofell, diz que lhe cheirou a queimado e que ouviu gritos. As luzes apagaram-se em todo o edifício, e quando ela saiu de casa viu chamas e fumo na janela do escritório. Chamou o 911, os bombeiros chegaram primeiro e nós viemos logo a seguir. Recolhemos o depoimento dela.

— Mais alguma coisa acerca da vítima?

— Encontrámos a carteira dele na bancada da cozinha. Cartões bancários, identificação do trabalho. Ao que parece, trabalhava por conta própria para uma companhia de computadores, daquelas todas importantes.

O DdD contrata muitas firmas privadas que lhe fornecem de tudo, desde pessoal militar suplementar a conhecimento sobre novas tecnologias. Rose já teve de lidar com o Pentágono em ocasiões anteriores, e sabe bem como eles podem ser renitentes quando se trata de fornecer informação necessária para uma investigação. Mesmo agora, depois de vários presidentes terem ocupado o posto desde a altura do ataque às torres gémeas, com os fundamentalistas islâmicos ainda a constituírem uma ameaça, há funcionários que continuam a travar as suas guerrinhas privadas em torno do financiamento e da influência que têm na Casa Branca. A informação é a moeda do poder e da vingança, embora hoje em dia na política não pareça

existir qualquer necessidade de distinguir entre informações verdadeiras e falsas. Ela afasta esses pensamentos. São uma distração pouco recomendável numa cena de crime, mas os tempos têm sido preocupantes. Mesmo que Coulter tivesse peso no DdD, continua a ser um ser humano morto, e é a sua morte que Rose está ali para investigar.

— A que horas se deu o incêndio?

Fontaine vasculha as suas notas.

— Pouco depois das sete. É como eu digo, caso encerrado. Está tudo aqui. — Mesmo sendo um cretino, Fontaine e a sua equipa fizeram tudo segundo as regras.

— A porta do apartamento estava fechada?

— Estava, os tipos dos bombeiros tiveram que a arrombar. A equipa forense está agora a tirar fotografias e a procurar impressões digitais. Calculo que daqui para a frente será você a tratar de tudo.

Faz uma pausa e encara-a.

— Rose Blake... É uma das investigadoras principais no caso do Koenig, não é?

— Era.

— Estranho que ele tenha parado. Talvez vocês tenham conseguido assustá-lo de vez.

— Alguma vez ouviu falar de um assassino em série que se tenha reformado?

Fontaine lança um curto sorriso.

— Ná. Mas ele há de cometer outro erro. Esses doidos filhos da puta acabam sempre por fazer asneira. — Vira-se e afasta-se pela sala fora.

Rose não subiu mais do que alguns degraus quando o odor a atinge: carne assada misturada com o cheiro acre a borracha queimada. Quando alcança a galeria que constitui o patamar, o cheiro tornou-se um fedor penetrante que a obriga a apertar as narinas. Há várias fotografias emolduradas na parede do patamar do lado de Coulter. Apanhado em cenas de férias está um homem de rosto redondo, com cabelo louro curto e uma barba rala e cuidada que nada faz para esconder as papadas no pescoço. Dali parte um pequeno corredor, ao fundo do qual, junto a uma porta, dois tipos da equipa forense, de macacões de plástico, colocam sacos de recolha de provas em malas. Um deles levanta o olhar quando Rose se aproxima e avalia o distintivo, antes de se dirigir ao colega.

— Reforços para os federais.

Levanta-se para dar a Rose espaço para chegar à porta, e entrega-lhe

um par de luvas de borracha. Ela calça-as e estica os dedos para se assegurar de que ficam bem colocadas. O homem dá-lhe também um macacão de plástico transparente, sacos para os sapatos e uma rede para o cabelo. Rose sabe que quando uma cena de crime foi local de incêndio, como é o caso, há um forte risco de comprometer indícios cruciais. A contaminação mais comum deve-se à polícia, aos serviços de emergência e às testemunhas.

O agente oferece-lhe um pequeno tubo de Noxzema, um gel aromatizado, de menta.

— Pode dar-lhe jeito. Lá dentro cheira a um matadouro incinerado.

Rose coloca uma pequena porção debaixo de cada narina.

— Pronta? — pergunta o outro.

— Mais que pronta.

Ele levanta a fita amarela para permitir a Rose passar por baixo, enquanto ela limpa a mente e sente o familiar pico de adrenalina, e a bizarra sensação de entrar na casa de um estranho. Um estranho sobre o qual ela agora terá que descobrir tudo. Qualquer coisa, seja o que for, deverá ser considerada como um indício. A maior parte dos homicídios — *se* aquele caso se tratar realmente de um — são resolvidos nas primeiras setenta e duas horas. Enquanto dá o primeiro passo para lá da porta, Rose tem consciência de que o relógio já está a avançar.

Rose penetra no buraco negro que é tudo o que resta do escritório de Coulter, agora iluminado por projetores portáteis. O fogo destruiu as carpetes de tom creme, o sofá e as estantes com livros, e reduziu tudo a uma massa retorcida e enegrecida. Marcas das labaredas ficaram bem nítidas nas paredes de azul claro.

A equipa forense dispôs a 'grelha' — uma linha de pequenos tapetes de borracha azul — por toda a área até à secretária, e cobriu o resto da sala. Todos os que entram na cena do crime mantêm os pés sobre os tapetes de borracha, para evitar qualquer contaminação dos indícios. Veem-se cartões numerados espalhados pela sala, colocados nos pontos onde a equipa recolheu peças de evidência. Rose repara que não são assim tantos, o que é pouco usual em casos de homicídio. A carpete está ensopada, por causa da água usada para extinguir o incêndio.

Rose avança pelo compartimento. À luz de dois projetores de LED toma nota de que a sala é vasta, um quadrado com uns cinco metros de lado, com soalho de madeira polida e clara, agora escurecida em tons de castanho e negro. Tem vista para a pequena praça nas traseiras do condomínio. Os restos de uma estante ocupam uma parede, contendo o que sobra de romances, livros de história, guias de viagem, revistas e manuais técnicos. Uma rápida consulta a algumas das lombadas que resistiram revela títulos relacionados com programação, matemática e arte erótica.

Junto à parede oposta há um sofá longo e baixo, e à sua frente o que resta de uma mesa com tampo de vidro, sobre a qual se fundiram as peças metálicas que ocupavam um tabuleiro de xadrez. Um candeeiro de leitura articulado estende-se sobre o sofá. Ao fundo da sala, oposta à porta de entrada, fica uma mesa com um enorme ecrã de computador, também ele derretido numa massa informe. Dois arquivadores chamuscados estão encostados à parede, ao lado da janela. Rose espera que alguns dos

documentos ali guardados possam ter sobrevivido. Repara que as janelas do estúdio estão rachadas, muito provavelmente devido ao fogo, mas também pode ser um sinal de invasão.

Nota algo escuro por cima e por trás do monitor — uma espécie de redoma disforme e reluzente. Espalhadas sobre a mesa há inúmeras caixas queimadas de comida de lojas de entrega ao domicílio. Ao que parece, Coulter era um recluso que passava os dias ao computador, demasiado ocupado para ir comer à cozinha. Por trás da mesa há outra estante, recheada de manuais técnicos, manchada por cinza acinzentada, mas sem danos devidos ao fogo.

Ao lado da secretária, a observar a cadeira, está Flora Baptiste, a Agente Especial que lidera a delegação do FBI em San Francisco. É uma mulher alta, com perto de cinquenta anos de idade, com cabelo da cor do cobre até ao ombro. É uma mistura de raças, filha de um médico haitiano e de uma missionária americana que tinha ido para o Haiti fazer o trabalho de Deus nos tempos em que o país estava sob o domínio de ‘Baby Doc’ Duvalier. O caso da sua mãe com o atraente médico tinha sido de curta duração, já que ele fora assassinado à porta do seu consultório por paramilitares com máscaras. A missionária tinha regressado a casa, ao Maryland, onde a filha nascera e fora educada como americana. A cor da pele e o nome são as únicas lembranças que Baptiste possui do pai. Isso, e uma perpétua determinação em levar os culpados a enfrentar a justiça.

Apesar de trabalharem juntas há três anos, Rose não sabe mais nada sobre a superiora. Baptiste não tem fotos de família na sua secretária, a fazerem companhia ao diploma de graduação do FBI que figura, emoldurado, na parede do gabinete.

Baptiste levanta o olhar.

— Levaste o teu tempo.

— Vim o mais depressa que pude, sem ultrapassar os sinais vermelhos. E o Fontaine é muito agradável. Quase não me conseguia separar dele.

— Bom, agora que já cá estás, mete esse rabo ao trabalho. — Baptiste acena na direção da redoma negra. — Vem cá conhecer o Gary Coulter.

Rose segue pelos tapetes de borracha e aproxima-se da secretária calcinada. No lugar onde devia estar a habitual cadeira de escritório, de costas altas, está uma massa escura e indistinta, com bolhas e partes a saltar, e a cadeira parece ter derretido tanto por baixo como por cima da vítima. A redoma revela-se afinal o cimo da cabeça do morto, atirada para trás, a boca escancarada num grito mudo. As feições estão fundidas numa confusão

esturrizada. É impossível reconhecer naquilo o homem que se vê nas fotografias penduradas na parede do patamar.

Cada centímetro do corpo parece ter sido carbonizado, e dá ideia de que há tiras de carne, encaracoladas ou penduradas, junto com uns fios, talvez arames da cadeira. O corpo está torcido, numa posição estranha, os membros em ângulos pouco naturais. O calor das chamas que engoliram Coulter atingiu tal temperatura que o corpo se misturou com o plástico e o enchimento da cadeira, de tal forma que é difícil dizer onde termina um e começa o outro. Uma mancha escura de fumo e cinza espalha-se pelo teto e pelas paredes. O cheiro a carne queimada e a borracha enche a sala, pesado e enjoativo. O corpo ainda fumeja ligeiramente. Rose recua ao sentir no ar o calor do corpo enegrecido.

— Um tipo jeitoso, não achas? — comenta Baptiste. Olha para cima e repara na expressão do rosto de Rose. — Estás bem?

Rose confirma.

— Sim. Só não sabia bem o que esperar.

— Ossos do ofício.

— O Fontaine parece estar muito seguro de que se tratou de um incêndio fortuito — começa Rose, enquanto olha para as janelas. Estão fechadas, embora algumas se mostrem rachadas — por causa do intenso calor do fogo, sem dúvida — mas os fechos de segurança, no interior, estão todos no lugar e não parecem ter sido mexidos.

— Não há sinais de entrada forçada. Nem aqui nem em nenhuma das portas ou janelas do edifício. Se isto não começou com um problema elétrico, quem o provocou sabia muito bem como ultrapassar os sistemas de segurança do Coulter. Ou isso, ou o próprio Coulter o deixou entrar.

— Alguém pensou em suicídio? — indaga Rose, antes de ver o olhar de desdém passar momentaneamente pelo rosto da superiora. Encolhe os ombros. — Gosto de manter a mente aberta a todas as opções.

— Ah sim? Olha, miúda, sabes bem o que se diz sobre uma mente aberta. Abre-la demais e o teu cérebro acaba por cair... Suicídio, então? Deita gasolina por cima do corpo e acende-se? Cheira-te a combustível, por acaso? — Baptiste abana a cabeça. — O suicídio não bate certo. Ou foi um acidente, ou um homicídio...

Rose olha para a secretária. Lá estão também os restos semiderretidos de um computador portátil, que talvez possa fornecer alguns indícios, se conseguirem recuperar alguma informação do disco rígido.

— Se alguém entrou aqui, deve ter deixado algum traço. Há câmaras

de TV ao fundo da rua, e devemos poder ter acesso às imagens. O material de segurança da vítima parece ser do último grito. Talvez a malta do Cibercrime possa dar uma olhada.

— Bem pensado, Blake. Vamos pensar nisso assim que sairmos daqui. Entretanto, temos o Coulter. Temos de descobrir mais sobre ele e a forma como morreu. Como é que se dá início a um fogo deste género?

Rose agacha-se junto ao corpo na cadeira e examina-o com mais cuidado.

— O Coulter não estava morto quando ardeu. O corpo está todo retorcido. Olha para os braços e pernas... Jesus, consegues imaginar isto? Se isto foi um homicídio, quem quer que o tenha cometido queria que ele sofresse enquanto morria.

— Isso é muito ódio concentrado. Talvez ele tenha feito alguma coisa para o merecer.

— O que é que estás a dizer?

— Isto não me parece um assalto que tenha dado para o torto. Se fosse um trabalho profissional, era uma coisa limpa. Uma bala na cabeça, ou coisa assim.

— E se eles quisessem mandar uma mensagem? Do género, olha o que acontece a quem brinca com o fogo.

— Boa ideia. Talvez valha a pena pensar nisso. Vamos verificar a história dele. Se alguém chateia uma pessoa a ponto de a levar a fazer isto, há boas possibilidades de alguém saber alguma coisa acerca disso.

Rose acha que parece que Coulter foi a origem do fogo. Tudo nele, da cabeça para baixo, é uma massa indistinta. Contempla a carne carbonizada à sua frente por momentos, e então a ideia vem-lhe à mente. Com todo o cuidado, separa os restos do plástico da cadeira das costas de Coulter.

— Para lá daquela borracha toda que se colou a ele, não há sinais de roupas. Nem camisa, nem sapatos, e há outra coisa que está em falta.

— O que é, querida?

— Não vejo qualquer traço de cordas, algemas, fios, atilhos. Olha, os braços estão soltos.

— Merda, tens razão. Nada.

— O que quer dizer que ele se deixou estar aqui sentado enquanto isto lhe acontecia.

— Não pode ser. Sentou-se aqui e deixou que alguém o assasse? Foda-se, nem pensar.

Rose encolhe os ombros.

— Talvez o fizesse se alguém tivesse uma arma apontada à cabeça dele. Ou se foi sedado. Não há sinais de luta.

— Achas? Eu, se estivesse a arder, não ia de certeza ficar sentada e quieta.

— Talvez estejamos mesmo a contemplar um suicídio.

— Então, o Coulter chega a casa depois de um dia no escritório...

— Se calhar este é o escritório dele — lembra Rose. — Se tivermos em conta o equipamento informático e as embalagens de comida, ele devia estar absorto em qualquer coisa.

— Seja; então ele vem até ao escritório, tira as roupas, senta-se nu à secretária e deita fogo a si mesmo. Acreditas nisso?

— Não é fácil — admite Rose.

— Portanto, onde estão as roupas dele?

Por baixo do sofá espregueia a ponta enegrecida de um cinto enrolado. Rose atravessa a sala.

— Calças e camisa. Nada de meias ou roupa interior. Podem estar aqui debaixo, ou ele podia estar a usá-las. Há ali mais qualquer coisa, parece, hum, um saco de plástico ou coisa parecida. O melhor é deixá-lo onde está e a equipa forense que venha ver disto.

Baptiste contempla a sala.

— Homens, não é? A história do costume. Acham que há um lugar para cada coisa, mas depois as coisas acabam espalhadas por todo o lado. Bom, seja. O Coulter despe-se e senta-se ao computador em roupa interior, e depois há um incêndio. Ateado por ele ou por desconhecidos... Continuamos a não ir a lado nenhum, Rose.

Não é um começo promissor para a investigação. Um morto, queimado vivo, enquanto está sentado à secretária, a contorcer-se em agonia. Rose regressa para junto do corpo e nota a quase apagada impressão de um padrão no braço enegrecido do cadáver.

— Rosie! Baptiste! — uma voz cheia de animação estilhaça a calma e quietude do escritório.

Rose e Baptiste dão um pulo.

— Jesus, Owen, pregaste-me um cagaço dos antigos! — solta Baptiste, com a mão no peito.

Rose vira-se e faz uma careta perante a elegante chegada tardia do seu colega, Owen Malinski.

— Não posso dizer que aprecie a decoração do lugar. Uma espécie de ‘Gótico Queimado’ — anuncia Owen. Está a vestir um dos macacões próprios para uma cena de crime, por cima dos *jeans* e do blusão de couro de tom castanho. A camisa de flanela azul está aberta no pescoço, onde está pendurado o distintivo do FBI. As roupas têm marcas escuras dos pingos de chuva, e há gotas a brilhar-lhe no cabelo.

— O que raio estás tu aqui a fazer? — indaga Baptiste. — Não te notifiquei.

— Nem foi preciso. As novidades correm e, para dizer a verdade, depois de passar o último mês a olhar para monitores de computador, preciso de fazer outra coisa, antes que o meu cérebro se liquidifique... estás a dizer que *não* queres que eu dê uma espreitadela?

Rose sorri, antes de se virar para Baptiste.

— Ele pode ser útil. Quantos mais olhos no caso, melhor.

Baptiste faz-lhe sinal para avançar. Depois do treino em Quantico, fora Owen quem a orientara na delegação de San Francisco. Manca ligeiramente ao andar, e ainda enfrenta uma longa recuperação devido ao tiro que apanhou na rótula, ao pé da cabana de Koenig. Rose sente uma onda de amizade calorosa, misturada com uma ponta de culpa. Se ao menos o tiro que disparou naquela noite tivesse encontrado o alvo.

— Já que falas nisso, como vai a caça ao DarkChild? — pergunta Baptiste.

Owen coça o queixo.

— Ele não tem aparecido pelas salas de chat nestes últimos dias. Mas estamos perto.

DarkChild é um dos elementos mais importantes do Swarm, um grupo de hackers que invadiu a rede do Departamento de Defesa e alterou radicalmente a página de entrada. Depois, o mesmo grupo tinha deitado abaixo

por vários dias o sistema Multimedia Interactive Assistant da WadeSoft. Para os milhões que dependiam da MIA, a situação tinha sido muito complicada, lembra Rose. Apanhar o DarkChild seria um momento de glória para a agência de San Francisco, e para o próprio Owen também. Rose olha para a perna dele.

— Como vai isso, pirata?

— Continuo com a fisioterapia. Mas isto não vai melhorar muito mais. Ainda assim, podia ter sido muito pior. — Deita um olhar de simpatia a Rose. Sabe perfeitamente que ela acha que a culpa foi dela.

Owen dirige-se para junto do corpo de Coulter.

— Oh meu Deus, que cheiro é este? — lança, enquanto aperta o nariz.

Owen põe os óculos finos e negros, e pega na lanterna de bolso, apontando o feixe de luz ao cadáver.

— Boa noite, Sr. Esturricado. Diria que ele está um bocado demasiado bem passado. — Vira-se para Rose. — Viste aquilo? Há resíduos de plástico à volta do rosto e uma espécie de... pasta.

— Aquilo é um fato de mergulho? — indaga ela.

— Hmmm — murmura Owen. Não há como enganar com o cheiro a borracha queimada.

— Uma caneta. Passem-me uma caneta — pede Rose.

— Não é suposto tocarmos no corpo, sabes muito bem — lembra Baptiste.

— Não o vou magoar. — Owen tira uma esferográfica do bolso da camisa e passa-a a Rose. No sítio onde costumava ser o ombro há uma lasca esturricada de alguma coisa que ela primeiro tinha pensado ser músculo, a separar-se da massa óssea. Ela empurra-a com a caneta contra o ombro. A lasca cede facilmente e abre-se, revelando um padrão quase sumido na superfície, uma malha no material chamuscado.

— O que é isso? — pergunta Baptiste, debruçando-se por cima dela para ver melhor. — Isso é... carne?

— Não é músculo. Estás a ver o padrão? É demasiado regular, e tem aparência de... borracha. Ou uma coisa parecida. Um fato de mergulho, talvez, como eu disse. — Levanta a caneta e a lasca volta a encaracolar-se. Rose passa o olhar sobre o corpo e descobre outra lasca parecida na região do estômago. Desta vez não há como enganar. Há ali qualquer coisa que não é carne, mas que também não é nenhum tecido vulgar. A textura está mais bem preservada e cede facilmente por baixo da ponta da caneta, como borracha.

Rose faz uma careta.

— Por que carga de água estaria ele a usar um fato de mergulho? —
Dá-lhe ideia de que há algo de familiar no aspeto do fato, mas não consegue
identificá-lo com precisão.

— Só há um tipo de mergulho praticado em terra firme — diz Owen.
— E não é preciso nenhum fato para o praticar.

— O que raio estava o Coulter a fazer? — indaga Baptiste.

Rose abana a cabeça.

— Macacos me mordam se sei.

Os ossos da mão direita de Coulter estalam levemente à medida que a
carne e a borracha arrefecem e fazem diminuir a tensão no corpo.

Owen faz uma careta.

— Oh meu Deus, que cheiro.

Lá fora há algum alvoroço. Chegou a maca do legista. Rose pega no
telemóvel, tira algumas fotos do corpo e do compartimento enegrecido.

Owen aproxima-se dela.

— Devias tirar uma selfie. Sabes, para o teu perfil.

Baptiste adianta:

— Não sei se há muito mais que possamos fazer aqui por agora. Vamos
manter o apartamento selado até termos os resultados da autópsia e quais-
quer indícios da equipa forense.

— Sim, senhora — replica Owen.

— Obrigado, rapazes. — Rose acena aos homens da ambulância, que
conduzem a maca para dentro do apartamento, trazendo em cima um pe-
sado saco para cadáveres.

No patamar, Owen repara na pequena luz vermelha de uma câmara de
vigilância num canto ao cimo das escadas.

— Vou mandar alguém ver se aquilo gravou alguma coisa que nos seja
útil.

— Se foi um assassínio, o que poderá uma pessoa ter feito para mere-
cer uma morte destas? — pergunta Rose.

— Não faço ideia — responde Baptiste. — Enquanto esperamos por
novidades do legista e da equipa forense, temos de descobrir umas coisas
sobre a vítima. Quem era Gary Coulter? De onde é? Onde é que trabalha?
Tem amigos? Família? Passatempos interessantes?

— Bem, já sabemos que tem alguma influência no DdD — comenta
Rose.

Owen faz uma careta.

— Defesa? Como é isso?

Baptiste suspira.

— Por isso é que nos espetaram com esta. Recebemos a chamada para tratarmos do caso assim que se soube o nome da vítima. O que quer dizer que alguém andava muito atento ao Coulter.

Owen abana a cabeça.

— Esse alguém deve ser do tipo com o qual não quero ter nada a ver.

— Ora, doçura, tens de arranjar mais um bocadinho de coragem. Nós somos os federais. Nós somos aqueles de quem os maus deviam ter medo. Vamos a isto. Começamos com os vizinhos.